



CMC

Conjuntura e Mercados
Consultoria

2020

BOLETIM DE CONJUNTURA ECONÔMICA



**3º TRIMESTRE
JULHO - SETEMBRO**

Apresentação	3
---------------------	----------

Editorial	4
------------------	----------

Macroeconomia	5
----------------------	----------

Setorial	8
-----------------	----------

Regional	10
-----------------	-----------

Valuation	12
------------------	-----------



Apresentação



O **Boletim de Conjuntura Econômica** é uma publicação da Conjuntura e Mercados Consultoria (CMC) que apresenta uma análise conjuntural do último trimestre nas áreas de Macroeconomia, Setorial, Regional e Valuation. Sob diferentes enfoques, o material traz uma análise diferenciada do atual quadro econômico do país, utilizando-se de dados coletados ao longo do último trimestre.

Busca-se oferecer à sociedade elementos que contribuam para um maior entendimento do quadro conjuntural da economia, a partir de uma linguagem simples e acessível a qualquer cidadão. Desse modo, o principal objetivo do **Boletim de Conjuntura Econômica** é trazer um panorama completo da economia brasileira, a fim de contribuir para o conhecimento público.

O **Boletim de Conjuntura Econômica** pertence ao projeto de extensão Conjuntura e Mercados Consultoria (CMC) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). A reprodução do conteúdo publicado neste informativo é permitida desde que citados os nomes dos autores, a fonte **Boletim de Conjuntura Econômica CMC** e a devida data de publicação.

Expediente

**Boletim de Conjuntura Econômica
Conjuntura e Mercados Consultoria**

Ano X | Número 16 | Julho - Setembro | Janeiro de 2020

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Reitor

Prof. Dr. Marcus Vinícius David

Vice Reitora

Profa. Dra. Girlene Alves da Silva

Pró-Reitora de Extensão

Profa.Dra. Ana Livia de Souza Coimbra

Faculdade de Economia (UFJF)

Diretor

Prof. Cláudio Roberto Fóffano Vasconcelos

Chefe de Departamento

Prof. Alexandre Zanini

Conjuntura e Mercados Consultoria – CMC

Orientadora Geral

Fernanda Finotti Cordeiro

Professores Orientadores

Fernanda Finotti Cordeiro

Flaviane Souza Santiago

Weslem Rodrigues Faria

Boletim Macroeconomia

André Sobrinho

Leonan Ferreira

Vinícius Viegas

Boletim Setorial

Iris Barquette

Natália Haubrich

Paulo Roberto Betbeder Gonçalves

Rodrigo Souza

Boletim Regional

Almir Oliveira

Gustavo Luz

Leandro Venâncio Pereira

Izak Carlos Silva

Boletim Valuation

Bruno Perry Barbosa

Kamilla Menezes Avelar

Rhawan Neves

Edição/Diagramação/Comunicação

Ariel Romualdo Pereira

Processos

Conjuntura e Mercados Consultoria

Proc. 23071.007553/2015-40

Economia nas Escolas

Proc. 23071.007554/2015-94

Grupo de Conjuntura Econômica

Proc. 23071.007557/2015-28

Endereço para correspondência:

Faculdade de Economia – Conjuntura e Mercados Consultoria (CMC)

Rua João Lourenço Kelmer, s/n, Campus Universitário, Bairro São Pedro, Juiz de Fora – MG. BRASIL. CEP 36036330

Telefone: (32) 2102-3552 / (32) 98487-4645

Email: contato@cmcufjf.com.br

Site: <https://www.cmcufjf.com.br/>

Foto da Capa:

Caique Cahon (Diretoria de Imagem Institucional/UFJF)

A política na América Latina em 2020

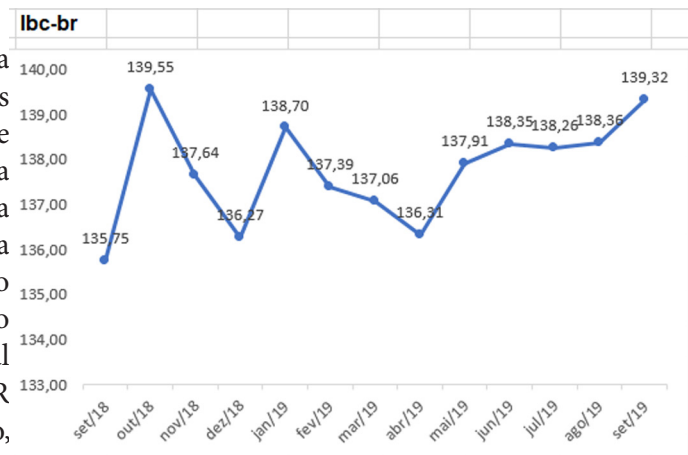
*Por Rubem Barboza Filho
Cientista político e professor do Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais*

Convulsões e mudanças políticas na América Latina não constituem nenhuma novidade. Em 2019 não foi diferente, e não há razões para otimismo no curto prazo. Mas há um ingrediente novo neste nosso mundo turbulento. A maioria dos países foi sacudida por crises e mutações nascidas de cicatrizes históricas duradouras, como pobreza, desigualdade e corrupção, mas associadas a um movimento contemporâneo e mundial de desalento e desconfiança em relação à forma do estado representativo tal como foi construído nos últimos duzentos anos e entronizado como modelo político. Tal como na Europa e nos EUA de Trump, os resultados do Latino Barômetro e do Barômetro das Américas, que a cada ano investigam o apoio à democracia representativa no continente americano, e em particular na América Latina, mostram uma queda ao longo dos últimos dez anos de cidadãos que acreditam ser a democracia a melhor forma de governo: de 35% em 2008 para 22% em 2018. Esta diminuição dos entusiastas da democracia não engordou o percentual dos que preferem ditaduras ou regimes autoritários, mas o número daqueles que se mostram indiferentes, desalentados e desencantados com o fosso entre eles e os representantes políticos, em especial os partidos políticos. Esta é uma forte característica dos millenials e dos centennials, ou seja, dos jovens que nasceram nas décadas de 80 e 90 do século passado, e também uma atitude comum das classes mais abastadas.

A desconfiança no estado representativo explica a eleição de presidentes com pendores autoritários e populistas, à esquerda e à direita, como López Obrador no México e Jair Bolsonaro no Brasil, com campanhas que confrontaram os sistemas partidários tradicionais de seus países. Explica ainda o apoio popular dos peruanos ao presidente Martin Vizcarra em conflito com o Congresso, o lugar por excelência da representação política. Talvez o caso mais emblemático deste cansaço com a inércia e distância do sistema representativo tenha sido o do Chile, cuja população nas ruas dispensou os deputados, senadores e o próprio presidente para enterrar de vez a herança de um liberalismo econômico extremado próprio da ditadura de Pinochet e modelo para o ministro da economia no Brasil. Não se trata fundamentalmente de um confronto entre direita e esquerda, embora isto ocorra, mas de uma crise das instituições que abrigaram governos de direita e de esquerda, e de um movimento que exige uma nova configuração do Estado enquanto tal. Por isto os desafios do liberal Lacalle Pou no Uruguai e do peronista Alberto Fernandez na Argentina não se resumem apenas à recuperação econômica de seus países, mas à criação de novos laços entre a sociedade e o estado, aprofundando a democracia, desafio extensivo à América como um todo. Os sinais de que isto venha a acontecer são fracos – pensemos no Brasil – e por isto talvez 2020 venha a ser um período tão conturbado politicamente quanto 2019. Com um aspecto externo a ser verificado: Trump conseguirá se reeleger?

PIB - IBC Br:

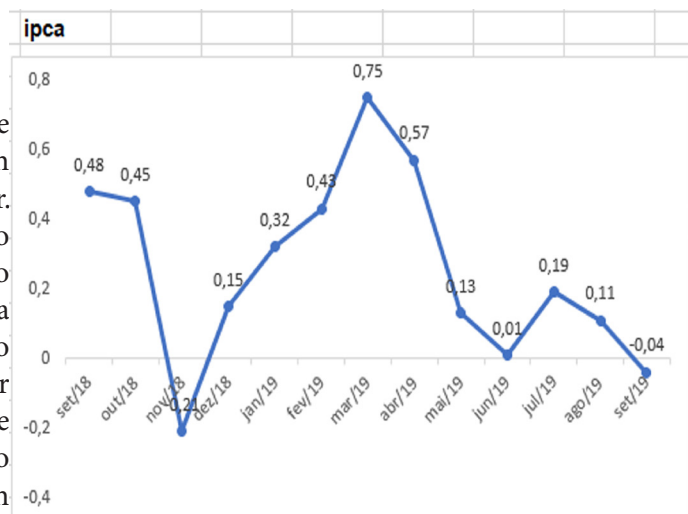
PIB é a sigla para Produto Interno Bruto, e representa a soma, em valores monetários, de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região, durante um determinado período. Outra taxa importante para a sociedade brasileira é o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-BR), indicador que foi criado para tentar antecipar o PIB, medindo a taxa de crescimento do período. No contexto atual, o PIB brasileiro cresceu 0,6% no terceiro trimestre, puxado pelo consumo das famílias. Tal fato não foi uma surpresa, já que anteriormente o IBC-BR apresentou uma alta nos seus valores. A título de exemplo, a variação do IBC-BR de Julho para o mês anterior foi uma alta de mais de 5% esses números refletem no PIB que seguiu o ritmo acelerado para crescer no trimestre. Embora o crescimento tenha sido menor que o esperado no começo do ano ele foi de extrema importância, isso porque representa uma trajetória de retomada da economia. Em valores correntes o PIB correspondeu a 1,842 trilhão de reais.



Fonte: Elaboração própria CMC - IBGE

IPCA:

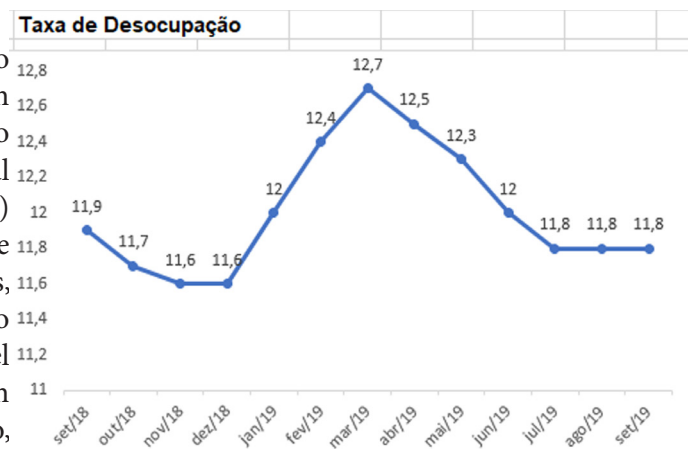
No que tange à inflação, medida pelo IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), os números acabaram apresentando uma queda em relação ao trimestre anterior. O destaque vai para Setembro que apresentou deflação de 0,04%, menor taxa do ano até então e menor para o mês desde 1998. Nesse contexto, foi divulgada no dia 17/09, final do terceiro trimestre, a expectativa de o ano de 2019 fechar com inflação de 3,43%. Valor bem menor que o estimado no começo do ano, 4,01. Com o intuito de reaquecer a economia e cessar a baixa da inflação, o Banco Central está baixando a taxa de juros, contudo, mesmo com esse movimento, o Brasil ainda segue abaixo do esperado.



Fonte: Elaboração própria CMC - IBGE

Taxa de Desocupados:

A Taxa de Desocupação fechou o trimestre encerrado em setembro em 11,8%, com uma queda de 0,2% em relação ao trimestre anterior e 0,1% em relação ao mesmo trimestre de 2018. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) realizada pelo IBGE e mostram também que o número de pessoas desocupadas recuou em 2% ou 251 mil pessoas, atingindo cerca de 12,5 milhões de brasileiros. Um ponto importante destes resultados é que embora seja possível observar uma redução da taxa de desemprego baixa em relação a períodos anteriores, durante os meses de julho, agosto e setembro ela permaneceu estacionada nos 11,8% demonstrando a lenta recuperação do mercado de trabalho e da economia brasileira. Em relação a população subutilizada, ou seja, aquela que trabalha menos de 40 horas por semana e gostariam de trabalhar mais, temos



Fonte: Elaboração própria CMC - IBGE

uma redução de 0,8% frente ao trimestre anterior, quando tal condição afetava 24,8% da força de trabalho. Em números de trabalhadores, observa-se 27,5 milhões de subocupados mês de setembro contra 28,4 milhões no trimestre anterior. Apesar de certa estabilidade, o resultado foi positivo sendo o setor de construção o principal personagem para a redução do desemprego e do nível de subocupados tendo empregado 197 mil novos trabalhadores. Isso tem ocorrido devido aos grandes incentivos ao crédito imobiliário para aquisição de imóveis dados no decorrer do ano.

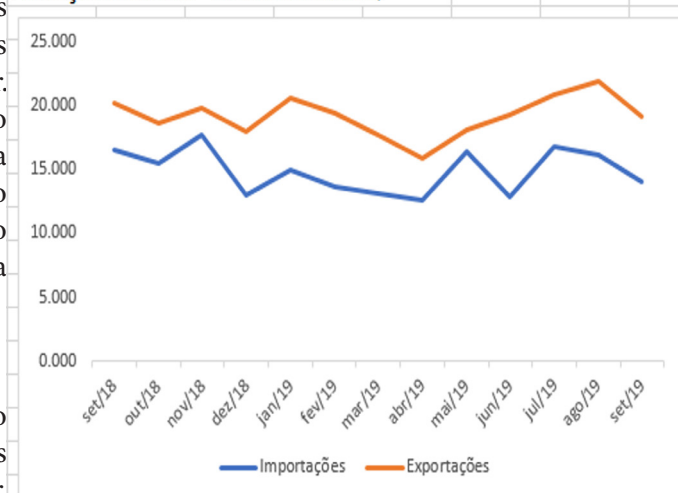
Balança Comercial:

A Balança Comercial fechou o mês de setembro com saldo positivo de U\$ 3,79 bilhões, resultando bastante inferior aos U\$ 5,03 bilhões registrados no final do trimestre anterior, já em relação ao mesmo mês no ano de 2018, observa-se novamente uma redução do saldo de proporção quase idêntica a citada anteriormente, sendo em ambos os casos tal redução causada por um aumento das importações, onde os principais produtos foram os derivados do petróleo. De acordo com os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) a soma dos resultados de julho, agosto e setembro apresentou superávit de U\$ 9,02 bilhões, valor substancialmente menor que os U\$ 16,6 bilhões agregados no trimestre anterior. No acumulado para o ano até o mês de setembro, a balança comercial registra superávit de U\$ 35,1 bilhões.

Câmbio/Dólar:

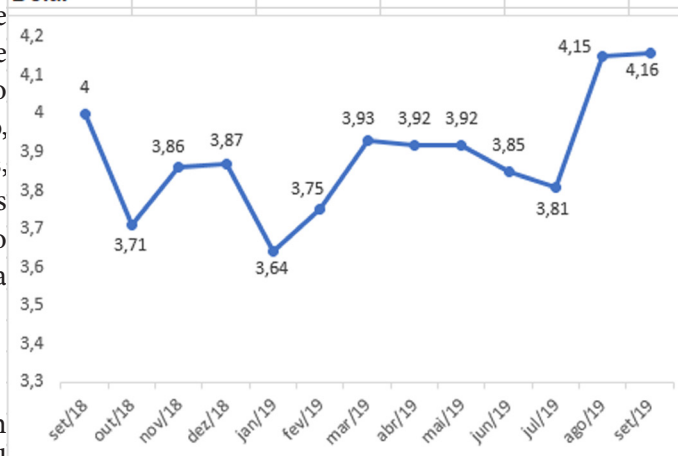
O dólar valorizou no terceiro trimestre de 2019 em 8,05%, passando de R\$3,85 em julho para R\$4,16 ao final de setembro. Houve uma apreciação destacada do dólar, portanto, somente no terceiro trimestre de 2019, quando comparada com a desvalorização de 2,04% do dólar ocorrida no trimestre anterior do mesmo ano. Essa valorização ocorreu em função da pressão por saída de capitais do Brasil, normal nesse período do ano, pelo baixo diferencial de juros do Brasil com o resto do mundo, chegando a taxa básica de juros brasileira no patamar de 5,5% ao ano em setembro, pelo aumento de riscos na América do Sul, com as frequentes manifestações e agitações políticas, e pela piora do déficit da conta corrente. Ao longo somente do mês de agosto, a moeda norte-americana obteve uma valorização de 8,07% em relação ao real brasileiro. O movimento acontece conforme investidores veem maiores riscos diante da piora das expectativas para a economia brasileira. Além disso, aumenta o otimismo em relação ao progresso nas negociações comerciais entre a China e os EUA.

Balança Comercial - em milhões de U\$



Fonte: Elaboração própria CMC - MDIC

Dólar



Fonte: Elaboração própria CMC

Dívida Pública - R\$ trilhões



Fonte: Elaboração própria CMC - Tesouro Nacional

Dívida Pública:

No terceiro trimestre de 2019, a dívida pública federal apresentou uma elevação com relação ao segundo trimestre de 2019, fechando setembro no valor de R\$ 4,155 trilhões, tendo um aumento de 4,47% quando comparado ao valor do trimestre anterior, e elevação de 9,96% em relação ao patamar do terceiro trimestre de 2018. O aumento dos gastos do governo, além do aumento da emissão de títulos pelos investidores e da apropriação de juros, podem explicar a subida da dívida pública federal. A parcela dos títulos com remuneração prefixada da DPF ficou em 31,75%, em setembro. Já a participação dos títulos vinculados a índices de preços foi fixada em 25,78%, enquanto a parcela dos títulos remunerados por taxa flutuante ficou em 38,36%, ao final do terceiro trimestre de 2019. Os fundos de investimento continuam sendo os principais detentores da dívida, fechando o período com participação no estoque de 26,34% da dívida, seguido pelos fundos de previdência, que fecharam o terceiro trimestre com participação relativa no estoque de 25,25% da dívida. As instituições financeiras apresentaram aumento de participação, chegando ao patamar de 23,61% ao final de setembro, se aproximando muito do valor dos fundos de previdência. Os não residentes fecharam o terceiro trimestre com 11,42% de participação sobre o estoque da dívida pública federal.

Crédito:

Segundo a pesquisa de juros da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (ANEFAC), as médias da taxa de juros das linhas pesquisadas, tanto para pessoa física quanto para pessoa jurídica, reduziram de julho a setembro, na comparação mês a mês. Para pessoa física, a taxa de juro média ficou em 6,61% a.m. no mês de setembro, 0,03% menor que em agosto, a redução de agosto também foi de 0,03% (6,64% a.m.) enquanto que julho teve uma redução de 0,04% em relação a junho (6,67% a.m.). Já para pessoa jurídica, a taxa era de 3,36% a.m. em julho, passando para 3,33% a.m. em agosto e encerrando o trimestre em 3,30% a.m. em setembro, na qual todas as reduções mensais foram de 0,03%.

Por fim, a taxa média de pessoa física em setembro é a menor registrada desde fevereiro de 2015, enquanto que a taxa média de pessoa jurídica é a mais baixa desde janeiro de 2014 (Gráfico 1).

Energia:

Conforme os dados da Resenha Mensal do Mercado de Energia Elétrica realizada pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE), o consumo total de energia elétrica em todo o Brasil (o que envolve residências, indústria, comércio e serviços) teve em setembro o único aumento no consumo de energia elétrica (0,6%) no trimestre quando comparado com o mesmo mês de 2018. Sob a mesma análise, julho e agosto apresentaram reduções de 0,4% e 0,8%, respectivamente.

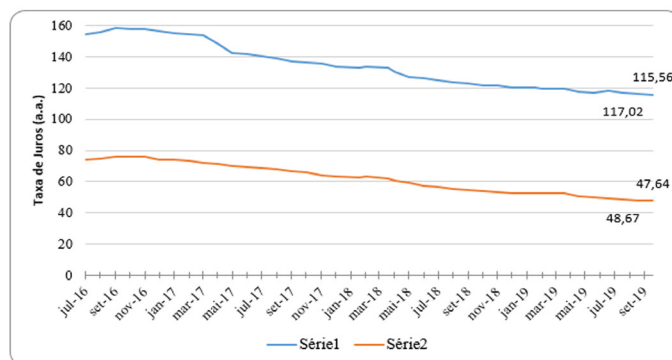
Quando o consumo de energia elétrica do 3º trimestre de 2019 de cada área econômica é comparado com o 3º trimestre de 2018, a indústria apresentou queda de 2,8% (considerando três trimestres sucessivos de redução). Já o consumo residencial apresentou alta de 1,7% no período e, por fim, para comércio e serviços foi registrado um aumento de 1,6% no trimestre (Gráfico 2).

Comércio Varejista:

Segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC – IBGE) o volume de vendas do setor avançou no terceiro trimestre quando comparado com o trimestre anterior. Esse aumento de 2,6% no trimestre segue o comportamento de crescimento registrado nos últimos trimestres. Ainda no trimestre como um todo, as categorias: moveis e eletrodomésticos e tecidos, vestuários e calçados merecem destaque, visto que após encerrarem o 2º trimestre com taxas negativas (-0,3% e -1,9%), mostraram um crescimento de 4,5% e 0,5%, respectivamente.

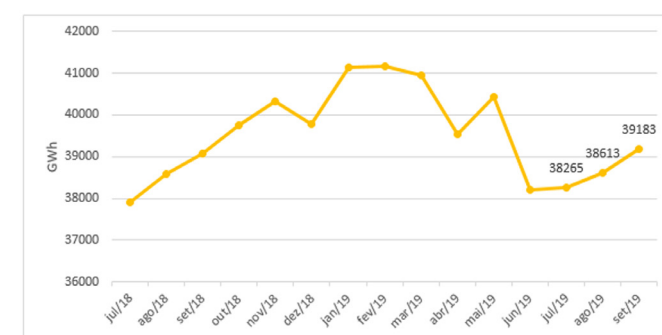
Analisando os resultados mensais de crescimento do volume de vendas (na comparação mensal) da série livre de influências sazonais, o mês de agosto permaneceu praticamente estável com seu crescimento de 0,1%. No entanto, os crescimentos de julho e setembro foram maiores, sendo iguais a 0,7% nos dois meses (Tabela 1).

Gráfico 1: Evolução da Taxa de Juros Pessoa Física e Jurídica (%a.a.)



Fonte: Elaboração própria CMC - ANEFAC

Gráfico 2 – Consumo de energia elétrica total mensal (indústria, residências, comércio e serviços - em GWh)



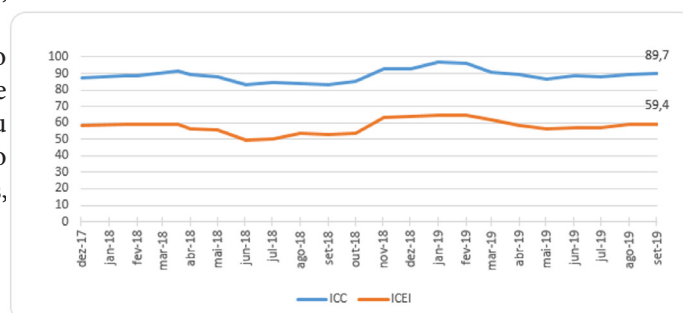
Fonte: Elaboração própria CMC - CCEE

Tabela 1: Volume de vendas do comércio varejista

Atividades	Mês/Mês anterior			Acumulado	
	JUL	AGO	SET	NO ANO	12 MESES
Comércio varejista	0,7	0,2	0,7	1,3	1,5
1 - Combustíveis e lubrificantes	0,5	-3,3	1,2	0,5	-0,3
2 - Hiper, supermercados, prods. alimentícios, bebidas e fumo	1,1	0,6	0,2	0,3	0,8
3 - Tecidos, vest. e calçados	0,8	-2,1	3,3	-0,3	0,5
4 - Móveis e eletrodomésticos	1,7	-1,9	5,2	0,8	0,0
5 - Artigos farmacêuticos, med., ortop. e de perfumaria	0,6	-0,2	0,5	6,4	6,6
6 - Livros, jornais, rev. e papelaria	2,2	0,4	0,2	-24,4	-25,5
7 - Equip. e mat. para escritório, informática e comunicação	-0,6	3,8	-2,0	-0,7	-0,3
8 - Outros arts. de uso pessoal e doméstico	2,3	0,1	1,8	5,3	6,3
Comércio varejista ampliado	0,7	0,1	0,9	3,6	3,8
9 - Veículos e motos, partes e peças	-1,0	-1,7	1,2	10,6	11,2
10 - Material de construção	1,0	-0,6	1,5	3,9	3,5

Fonte: Elaboração própria CMC - PMC (IBGE)

Gráfico 3: Índice de Confiança do Consumidor e Índice de Confiança dos Empresários Industriais - em pontos



Fonte: Elaboração própria CMC - ICC (IBRE/FGV) e ICEI (CNI)

Serviços:

No terceiro trimestre de 2019, segundo o IBGE, o volume de serviços prestados subiu cerca de 0,8%, em relação ao trimestre anterior. Essa foi a maior elevação no setor desde o primeiro trimestre de 2014. No comparativo do período vigente com o do ano anterior, houve um crescimento de 0,7% do volume total.

De acordo com o IBGE, em 2019, o avanço acumulado no setor chegou a 0,6%, com crescimento em três das cinco atividades pesquisadas e em metade dos 166 tipos de serviços pesquisados. No acumulado em 12 meses, o setor novamente mostrou evolução, passando de uma alta de 0,6% em agosto para 0,7% em setembro (Tabela 2).

Agropecuária:

O Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) do Brasil em 2019 foi estimado em R\$ 603,4 bilhões, alta de 1,2% em relação a 2018 e segunda maior marca registrada pelo país, segundo o Ministério da Agricultura. Segundo o Ministério da Agricultura, o VBP estimado para a carne de frango registra alta de 13,4% na comparação anual, seguido por altas de 9,3% em suínos e de 1,3% em bovinos.

A agropecuária foi o setor que apresentou a maior alta nos resultados referentes ao terceiro trimestre deste ano, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), registrando crescimento de 1,3% no terceiro trimestre de 2019.

O PIB alcançou R\$ 1,842 trilhão no terceiro trimestre, sendo que, deste valor, a agropecuária participa com 4,3%. Ao longo deste ano, a agropecuária acumulou crescimento de 1,4%. Esta taxa é mais elevada em relação aos trimestres anteriores. No mês de outubro, os produtos que mais se destacaram foi o algodão, com crescimento da produção de 39,7%; o milho (23,2%) e a laranja (6,3%). Contudo, alguns produtos apresentaram contribuições negativas, como o café, com redução na produção de 16,5%, e a cana de açúcar (-1,1%). As estimativas da pecuária especialmente bovinos, suínos e ovos apontaram desempenho positivo (Tabela 3).

Indústria:

A nível nacional, a produção industrial física brasileira avançou 0,3% em setembro (em comparação com o mês de outubro) na série com ajustes sazonais. Ainda na comparação mês a mês, setembro seguiu o movimento de crescimento registrado em agosto (0,9%), porém, em julho ocorreu um recuo de 0,3% (PIM-PF: Brasil – IBGE).

Já o indicador de faturamento real da indústria computado pela CNI (Confederação Nacional da Indústria), indicou que o faturamento real em setembro, frente ao mês anterior na série com ajustes sazonais, seguiu a tendência de alta do trimestre com um aumento de 0,4%. A maior elevação do faturamento real foi registrada em julho, onde o crescimento foi de 2%, na comparação mês a mês. Já em agosto, o aumento foi menor que o registrado em julho, igual a 0,6%. Ainda conforme a CNI, o indicador de emprego se manteve estável no trimestre, tendência do setor que é registrada desde 2017 (Gráfico 4).

Tabela 2: Volume mensal de serviços (%)

Atividades	Mês/Mês anterior com ajuste sazonal			Acumulado	
	JUL	AGO	SET	NO ANO	12 MESES
Brasil	0,9	0,6	0,7	0,6	0,7
1 - Serviços prestados às famílias	3,8	3,4	3,4	3,6	3,4
1.1 - Serviços de alojamento e alimentação	4,1	3,7	3,5	3,6	3,5
1.2 - Outros serviços prestados às famílias	1,9	2,0	2,4	3,2	2,4
2 - Serviços de informação e comunicação	2,2	2,7	2,7	2,9	2,7
2.1 - Serviços TIC	3,4	3,9	3,8	3,8	3,8
2.11 - Telecomunicações	-0,6	-0,6	-0,6	-0,8	-0,6
2.12 - Serviços de tecnologia da informação	12,0	13,6	13,3	13,7	13,3
2.2 - Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-5,7	-5,1	-4,9	-2,9	-4,9
3 - Serviços profissionais, administrativos e complementares	-0,7	-0,9	-0,5	-0,1	-0,5
3.1 - Serviços técnico-profissionais	-1,5	-1,8	-1,2	0,2	-1,2
3.2 - Serviços administrativos e complementares	-0,4	-0,6	-0,3	-0,2	-0,3
4 - Transportes, serviços auxiliares dos transportes e correio	-0,7	-1,8	-2,0	-3,0	-2,0
4.1 - Transporte terrestre	-0,1	-1,4	-1,6	-2,7	-1,6
4.2 - Transporte aquaviário	1,5	2,0	1,8	2,3	1,8
4.3 - Transporte aéreo	1,3	-2,4	-4,3	-7,9	-4,3
4.4 - Armazenagem, serviços auxiliares dos transportes e correio	-2,6	-3,1	-3,0	-3,5	-3,0
5 - Outros serviços	3,0	3,4	4,6	5,3	4,6

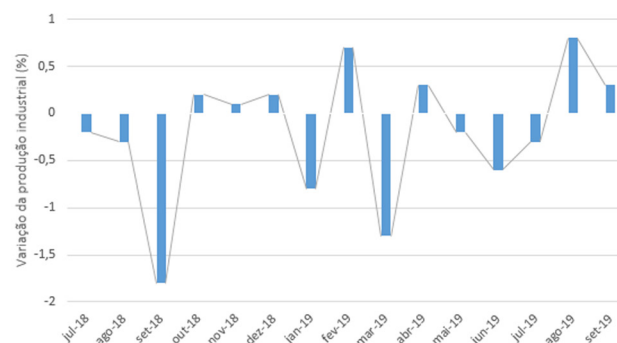
Fonte: Elaboração própria CMC - PMS (IBGE)

Tabela 3: Previsão do crescimento agropecuário por componente para os três primeiros trimestres de 2019 (%)

	1º TRI	2º TRI	3º TRI
PIB Agropecuário	-0,1	-1,3	1,4
Lavoura	-0,4	-3,8	0,2
Pecuária	2,1	4,8	2,3
Outros	0,6	10,1	--

Fonte: Elaboração própria CMC – IPEA

Gráfico 4: Variação mensal da Produção Industrial (%)



Fonte: Elaboração própria CMC – IBGE

Esta seção tem como objetivo avaliar o comportamento do saldo de movimentação de empregos (número de trabalhadores formais admitidos menos o número de trabalhadores formais desligados) no terceiro trimestre de 2019 em Minas Gerais. As cinco maiores economias do estado, de acordo com o PIB 2015, são avaliadas individualmente devido à sua importância econômica relativa, são elas: Belo Horizonte, Uberlândia, Contagem, Betim e Juiz de Fora. Vale destacar que, para um maior detalhamento, o saldo de movimentação se encontra desagregado de acordo com a Classificação Nacional de Atividade Econômica 2.0 – Seção (CNAE 2.0 – Seção). Os dados aqui apresentados são referentes ao Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho.

A Figura 1 apresenta a descrição das seções de atividade econômica segundo a CNAE 2.0. Na Tabela 1 é possível observar o saldo de movimentação de empregos de Minas Gerais detalhado por seção de atividade econômica para o período de janeiro a setembro de 2019. A economia mineira encerrou o segundo trimestre de 2019 com saldo de movimentação de empregos positivo na maior parte de suas atividades. Este comportamento também pode ser observado no final do terceiro trimestre deste ano. Apenas Indústrias de Transformação (C) Eletricidade e Gás (D), Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Descontaminação (E), Atividades Imobiliárias (L), Educação (P), Artes, Cultura, Esporte e Recreação (R), foram as que demonstraram saldo negativo, ou seja, terminaram o terceiro trimestre de 2019 demitindo mais que contratando.

O Gráfico 1 mostra o comportamento do saldo de movimentação de empregos em Belo Horizonte. Após registrar um saldo negativo no final do primeiro trimestre a capital mineira se recuperou e alcançou um saldo positivo de 3084 postos formais de trabalho em junho de 2019 e no terceiro trimestre o saldo foi de 10240. Vale destacar que a Construção (F) foi a que mais contribuiu positivamente com o resultado.

No Gráfico 2, referente ao saldo de movimentação de empregos em Uberlândia, é possível notar uma tendência de queda que se iniciou no final do terceiro trimestre. Ao final do período (setembro de 2019), foi registrado um saldo positivo de 68 postos formais de trabalho, o mês com menor geração de empregos em 2019. Atividades de Indústrias de Transformação (C) foram as que mais contribuíram com o movimento observado.

O comportamento do saldo de movimentação de empregos em Contagem, representado no Gráfico 3, é marcado por um quedado nível de emprego no primeiro mês do terceiro trimestre de 2019. No entanto, em setembro de 2019 foi registrado um saldo positivo de 347 empregos. Atividades Administrativas e Serviços

Figura 1: Descrição das Seções de Atividade Econômica segundo CNAE 2.0

Seção	Descrição
A	AGRICULTURA, PECUÁRIA, PRODUÇÃO FLORESTAL, PISCICULTURA E AQUICULTURA
B	INDÚSTRIAS EXTRATIVAS
C	INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO
D	ELETRICIDADE E GÁS
E	ÁGUA, ESGOTO, ATIVIDADES DE GESTÃO DE RESÍDUOS E DESCONTAMINAÇÃO
F	CONSTRUÇÃO
G	COMÉRCIO, REPARAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS
H	TRANSPORTE, ARMAZENAGEM E CORREIO
I	ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO
J	INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
K	ATIVIDADES FINANCEIRAS, DE SEGUROS E SERVIÇOS RELACIONADOS
L	ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS
M	ATIVIDADES PROFISSIONAIS, CIENTÍFICAS E TÉCNICAS
N	ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E SERVIÇOS COMPLEMENTARES
O	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL
P	EDUCAÇÃO
Q	SAÚDE HUMANA E SERVIÇOS SOCIAIS
R	ARTES, CULTURA, ESPORTE E RECREAÇÃO
S	OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS
T	SERVIÇOS DOMÉSTICOS
U	ORGANISMOS INTERNACIONAIS E OUTRAS INSTITUIÇÕES EXTRATERRITORIAIS

Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Tabela 1: Saldo de Movimentação de Empregos em Minas Gerais por seção de atividade econômica – janeiro de 2019 a setembro de 2019

Seção	Saldo de Movimentação								
	jan/19	fev/19	mar/19	abr/19	mai/19	jun/19	jul/19	ago/19	set/19
A	-313	50	4633	7284	15102	6254	-3592	-11754	-8535
B	117	683	290	230	330	195	418	493	122
C	2914	5676	1682	2672	672	-1048	3136	3931	1754
D	5	-27	-47	-56	-73	-112	57	42	23
E	75	637	-631	59	31	-124	389	320	76
F	3738	4736	446	2234	1416	2495	6010	3246	2638
G	-6901	-46	-4927	-21	1405	878	922	1479	615
H	-449	2039	1096	1116	-189	604	736	507	748
I	-341	436	-375	1110	-198	299	189	744	980
J	595	354	608	770	480	327	220	293	511
K	228	88	76	229	118	217	318	303	33
L	104	83	-38	51	101	-38	91	36	-31
M	981	839	169	1808	379	531	1436	1350	1359
N	-453	1332	-898	1394	-2402	123	2293	1082	3039
O	-83	317	109	96	69	125	-76	89	7
P	-111	6837	1735	818	405	-179	-3082	2500	-1099
Q	1657	784	894	1582	581	914	956	761	758
R	266	257	7	185	-36	-52	111	66	112
S	-526	928	320	780	205	192	55	372	719
T	-9	13	12	7	-17	2	23	35	12
U	-2	0	2	0	1	0	-1	0	0

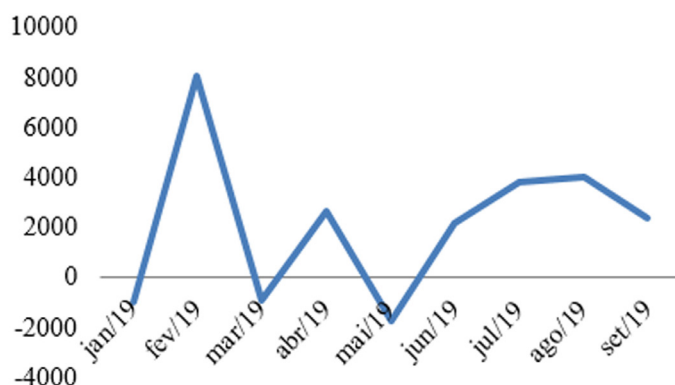
Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Complementares(N) foi a atividade econômica que mais contribuiu para o aumento observada entre no final do terceiro trimestre deste ano.

O Gráfico 4 apresenta a trajetória do saldo de movimentação de empregos em Betim. É possível observar uma tendência de forte alta a partir do mês de julho de 2019. Com isso, o final desse trimestre registrou o maior saldo de movimentação de empregos em 2019 com 1983 novos postos formais de trabalho. Destaque para a contribuição positiva das atividades de Construção (F).

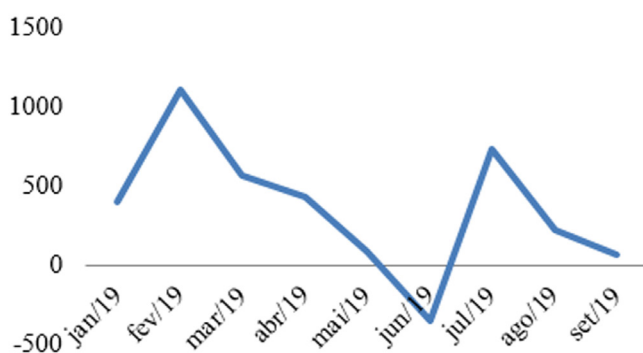
No que se refere ao comportamento do saldo de movimentação de empregos em Juiz de Fora, representado no Gráfico 5, o terceiro trimestre de 2019 foi marcado por uma leve alta no nível de emprego. Todos os meses registraram um saldo de empregos formais positivo. Esse número positivo pode ser explicado em parte pelo movimento de contratações no Comércio, Preparação de veículos automotores e motocicletas (G) que foi positivo nos três meses.

Gráfico 1: Saldo de Movimentação de Empregos em Belo Horizonte – janeiro de 2019 a setembro de 2019



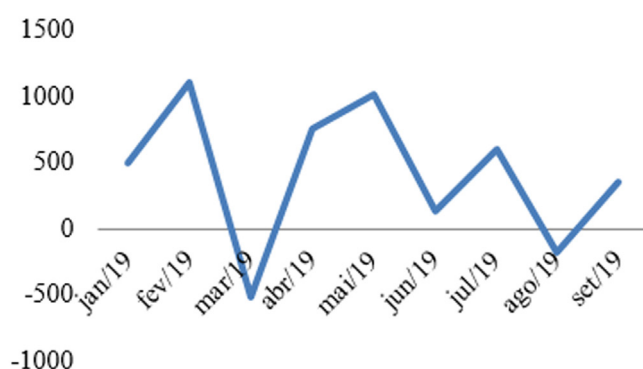
Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Gráfico 2: Saldo de Movimentação de Empregos em Uberlândia – janeiro de 2019 a setembro de 2019



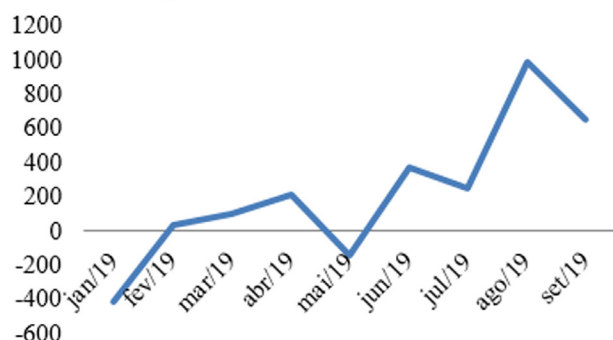
Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Gráfico 3: Saldo de Movimentação de Empregos em Contagem – janeiro de 2019 a setembro de 2019



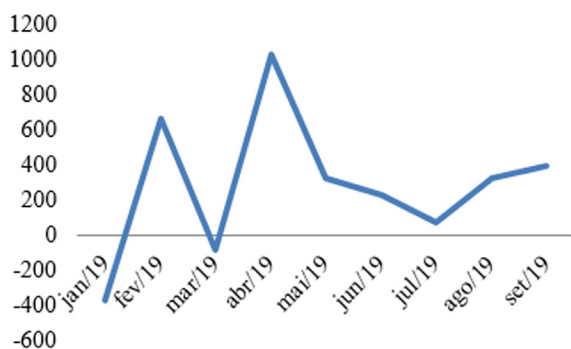
Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Gráfico 4: Saldo de Movimentação de Empregos em Betim – janeiro de 2019 a setembro de 2019



Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Gráfico 5: Saldo de Movimentação de Empregos em Juiz de Fora – janeiro de 2019 a setembro de 2019

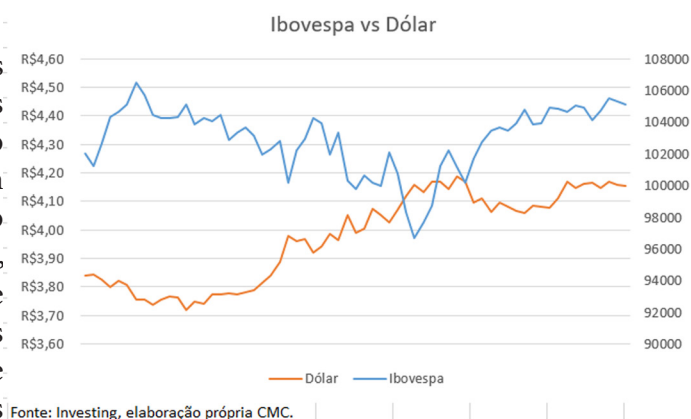


Fonte: Elaboração própria CMC – CAGED, Ministério do Trabalho.

Ibovespa e Dólar: gráfico 1

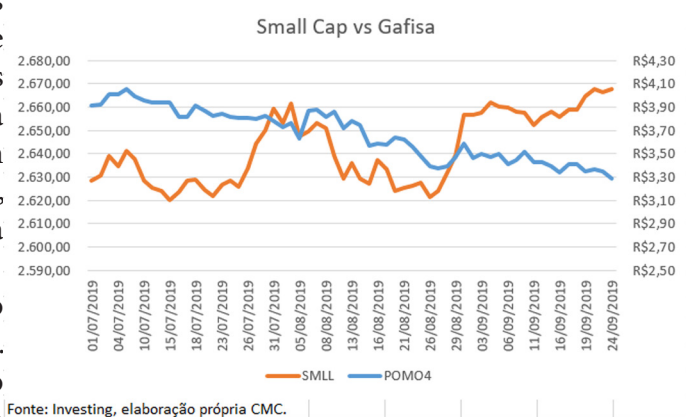
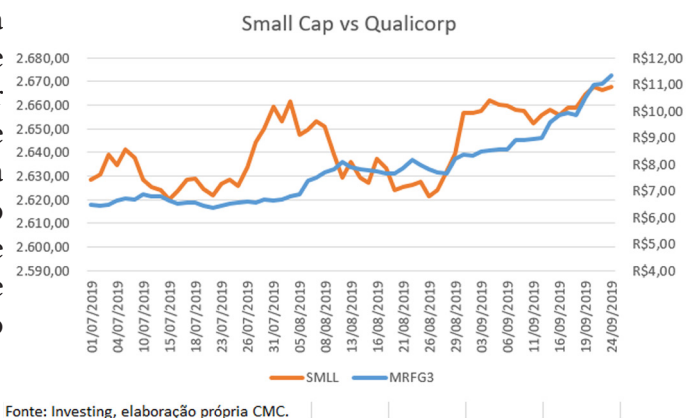
O ano de 2019 continua sendo um ano com marcos históricos para a B3, bolsa de valores brasileira. Depois de atingir 100.000 pontos no primeiro trimestre do ano pela primeira vez, o segundo semestre também fluiu positivamente, com uma variação de 5,56% no período. O terceiro semestre seguiu os ritmos otimistas, com uma crescente variação de 3,06% do mês de julho a setembro. O maior número de pessoas físicas entrando no mercado de renda variável faz com que os pontos subam, assim como a maior expectativa dos consumidores frente a economia nacional.

Depois de um semestre estável, a moeda americana apresentou uma forte valorização no terceiro trimestre de 2019. No primeiro dia do mês de julho o dólar estava com a cotação de R\$3,84, no entanto, esse valor foi para R\$4,16 no último dia de setembro. Essa diferença representa uma valorização de 8,20% do dólar frente ao real. A alta volatilidade do período se deu principalmente devido à Guerra Comercial entre a China e os Estados Unidos, que impactou não só o Brasil mas todo o mundo.



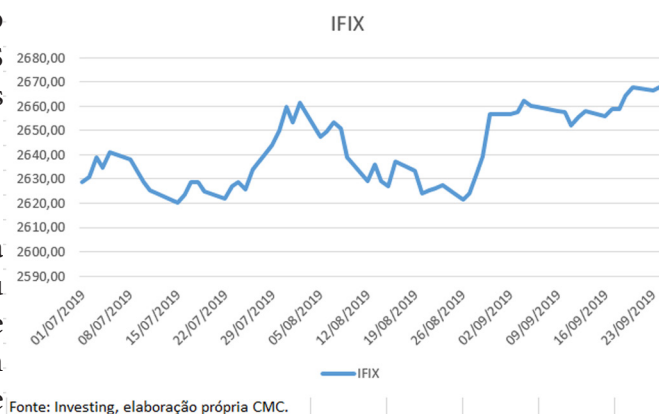
Small Caps: gráfico 4 e 5

A Marfrig (MRFG3), foi um dos principais destaques do índice no trimestre, apresentando uma performance positiva de 70,06%. Um dos principais destaques positivos, foi a peste suína africana, que afetou a produção de suínos na ásia, assim levando a um aumento de preços no mercado internacional de carne, devido a maior demanda. Assim, ajudando a empresa em sua geração de caixa, e redução de endividamento. Já como destaque negativo do trimestre, a Marcopolo (POMO4) apresentou uma desvalorização de 16,88%. No trimestre, a empresa reportou um bom resultado trimestral, tendo sua receita doméstica aumentado 80,5% em relação a 2018, alcançando R\$ 625,4 milhões no 2T19. Porém, o mercado externo teve um resultado bem negativo, tendo queda de 30,7%, chegando a R\$ 516,4 milhões, assim pressionando a negociação das ações da empresa.



Fundos de Investimento Imobiliário: gráfico 2

No 3T19, os Fundos Imobiliários tiveram uma valorização de 2,12%. Como destaque, continuou havendo um forte crescimento do número de investidores, chegando a 470 mil investidores. Além disso, o número de fundos negociados na B3 saltou de 168 em 2018 para atuais 200, com o volume de ofertas totalizando R\$ 15,8 bilhões em 2019, ante R\$ 11,2 bilhões no ano de 2018.



Esse crescimento se deve principalmente a melhora dos níveis de atividade da economia brasileira, e aos níveis históricos de taxa de juros, o que faz com que os investidores tenham que procurar outras alternativas de investimento, sendo um deles, os FIIs.

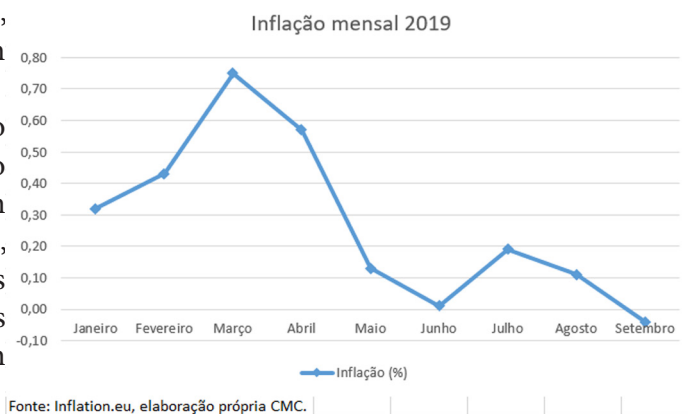
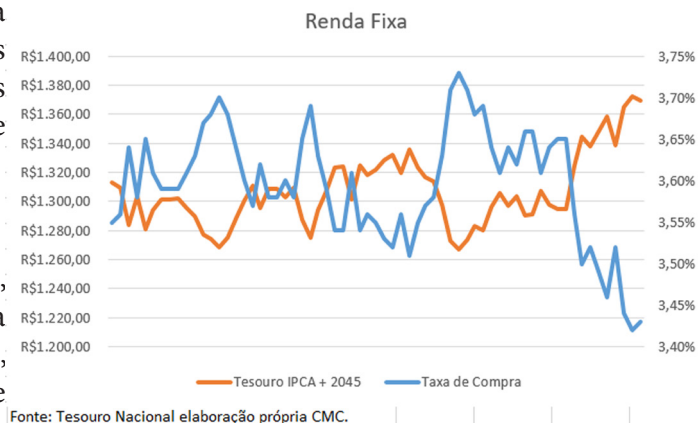
Renda Fixa: gráfico 3 e 6

Depois de um semestre de crescentes taxas de inflação, o terceiro trimestre de 2019 foi marcado por sua forte queda. A inflação mensal de julho foi de 0,32%, enquanto a de setembro foi negativa em 0,04%, de acordo com dados da Receita Federal. Nesse cenário, a selic foi de 0,57% em julho para 0,46% em setembro. Como este indicador se manteve abaixo de 6,5% ao ano, na casa dos 6,40% ao ano, a poupança permaneceu com rendimentos de 70% de seu valor.

Com isso, os títulos de renda fixa de curto prazo, como os atrelados à taxa Selic, continuam se mostrando menos rentáveis. Por outro lado, títulos que apresentam rentabilidades que consideram a inflação do vencimento, com o acréscimo de uma porcentagem (como os atrelados ao IPCA) se mostram mais atrativos para os investidores, sendo estes mais vantajosos para quem busca rentabilidades no longo prazo.

Como exemplo, o Título do Tesouro IPCA + com vencimento para o ano de 2045, de julho a setembro teve uma variação da taxa de compra negativa em 3,38%, enquanto seu valor de face a mercado passou de R\$1.312,89 no primeiro dia útil do terceiro trimestre para R\$1.369,25 no último dia de setembro. Essa variação foi positiva em 4,29%.

O índice CDI, no acumulado de setembro de 2018 ao mesmo mês em 2019, foi de 6,27%. Pegando como exemplo uma aplicação em um CDB com rentabilidade de 100% do CDI e liquidez diária, para compararmos com as características da poupança, mesmo com o imposto de renda (do qual a poupança é isenta), os rendimentos deste CDB seriam superiores no período. Considerando uma aplicação de R\$ 1.000 durante todo o ano de 2019, a poupança traria um retorno de R\$ 47,20, enquanto no CDB teríamos R\$ 50,16 de rendimento líquido, já descontado o imposto de renda, e com um nível semelhante de liquidez.



Uma publicação



CMC

Conjuntura e Mercados
Consultoria